

A HISTÓRIA DO COLÉGIO MARISTA DE FORTALEZA

Juscelino Chaves Sales
Universidade Estadual do Vale do Acaraú
juscelinochaves@hotmail.com
Alisson da Conceição Ferreira
Universidade Federal do Ceará,
alisson_acf@yahoo.com.br
Antonio Sergio Bezerra Sombra
Universidade Federal do Ceará,
sergio@ufc.br

Palavras-chave: *Educação, História, Colégio Cearense.*

INTRODUÇÃO

Em todas as épocas a Igreja Católica sempre insistiu nesta nota ímpar e insubstituível da educação católica, mas nos últimos tempos o fez com mais ênfase pela palavra santa do Papa catequista Pio X, pela doutrina clara, contundente e corajosa de Pio XI, pela sabedoria de Pio XII, ensinando sem subterfúgios, nem coberta de véus, a verdade revelada, ressaltando a diferença intrínseca existente entre a pedagogia católica e os princípios educacionais da moda inspirados no naturalismo de Rousseau, mostrando a distância infinita que vai da moral católica para os costumes depravados da sociedade contemporânea, combatendo de frente a violação por parte do estado nazista, fascista ou comunista dos direitos dos pais e da religião no campo educacional.

Como discípulo, vindo das margens de Tiberiades, cujo clarão iluminara o mundo, São Marcelino Champagnat iniciara sua “missão interior”. O semeador da Palavra buscou companheiros com rara prudência, reavivou a piedade e a virtude. E ao encontrá-los, chamou-os de “Pequenos Irmãos de Maria”, fundando a congregação dos Irmãos Maristas. Uma casa alugada, camas de madeira e uma mesa. O ano era 1817 em Lion na França (FURET, 1999).

A escola para vida recomendava-a São Marcelino Champagnat aos semeadores: “Cuidar muito dos meninos, nunca deixa-los sozinhos na sala de aula, nos recreios; cuidar deles em toda parte, a fim de conservar-lhes a inocência, conhecer-lhes os defeitos, para corrigi-los, as boas disposições para desenvolvê-las e as faltas, para puni-las, prevenindo deste modo o escândalo e o contágio do mal” (FURET, 1999).

1. OS IRMÃOS MARISTAS NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

A busca de um ideal requer perseverança e coragem, não cogita o hesitar, o esmorecer, o desistir. E os grandes projetos da humanidade, na sua maioria, surgiram de um ideal, muitas vezes, mais forte do que a própria vida.

Isso aconteceu à presença da Congregação Marista no Brasil, cujo princípio se deu em 1903 devido à determinação de Dom Francisco do Rego Maia, Bispo de Belém, que buscava integrar os Irmãos Maristas à direção do Colégio do Carmo, destacado estabelecimento de ensino da capital paraense. Após infrutíferas tentativas, Dom Francisco não capitulou ante as adversidades. Decidiu recorrer ao Cardeal Rampolla, à época, Secretário de Estado do Vaticano, a fim de que interviesse junto a sua Santidade, o Papa, com vista à assunção desse colégio pelos Maristas. Seus esforços foram coroados de êxito, pois atendendo ao pedido de Sua Santidade, o Irmão Superior Geral encaminhou, em 22 de março do mesmo ano, os Irmãos Auxent, Claude Régis, Alderad e Paul Dominique, oriundos da província de Aubenas.

Do Havre partiram os fundadores da Província Brasil Norte. No dia 12 de abril de 1903, pisaram a *Terra Brasilis*, especificamente Belém do Pará, solo que fecundaria a semente de educação para a juventude de Marcelino Champagnat; os frutos dessa árvore se espalhariam por todo nosso país. Esses quatro irmãos logo obtiveram auxílio de seus pares em virtude, infelizmente, da expulsão de religiosos da França. Assim, assumiram a missão de preparar a fundação de novas casas e escolas para a disseminação do projeto educativo marista; são exemplos a de Santa Ana, a de Nazareth e a de São João, remontam a 1904. Como fruto bom e profícuo, testemunhou-se o surgimento de novos colégios da congregação em quase todas as capitais dos estados, espalhando-se pelo litoral atingindo a Bahia (AZZI,1999).

O sucesso do trabalho marista na pedagogia juvenil foi o fator determinante para a sua elevação à condição de província em 1908. Em razão disso, viu-se a celeridade da expansão desse trabalho missionário pelos estados do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste, no Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Distrito Federal. Os Irmãos Maristas assumiram, de corpo e, sobretudo alma, o seu mister nas comunidades educativas e transcenderam o horizontes da educação formal, porque estão presentes nas comunidades de inserção, comungando com os movimentos populares e tomando para si a responsabilidade da direção de unidades escolares estaduais e municipais.

O ideário de São Marcelino Champagnat o fundador dos irmãos maristas encontrou eco nos ares brasileiros e se expandiu de tal forma que é impossível negar a relevância de sua integração no processo de construir, na fé cristã, seres humanos, no melhor sentido que esse adjetivo pode ter. São 100anos de dedicação ao ideal da educação para a juventude brasileira.

2. HISTORIA DO COLEGIO CERAENSE

No início do século passado, a aridez do clima cearense e a fecundidade do espírito religioso do povo da terra alencarina fecundaram, de forma antitética, os princípios de uma nova educação para a juventude, a visão humanizadora e pedagógica avant la lettre de São Marcelino Champagnat.

Não havia, em nosso estado, àquela época, nenhuma instituição de ensino que promovesse uma educação francamente católica. Por isso, em 1914, os padres José Quinderé, Climério Chaves, Misael, Octávio de Castro fundaram um colégio e o acumularam de discípulos, mas, infelizmente, não puderam dar continuidade a esse projeto devido às inúmeras tarefas impostas pelo o ministério por eles assumido.

Por intermédio de Dom Manuel da Silva Gomes, que interveio junto aos superiores da Província, esses ministros de Deus cederam ao colégio à Congregação Marista, pois

reconheciam as vantagens do ensino ministrado essa congregação, exclusivamente voltada para a educação da juventude. Assim, não obstante a carência de professores aprovou-se essa decisão. A fim de que fosse concretizada a assunção do colégio pelos os Irmãos Maristas, vieram os Irmãos Marie-Alypiuse e Epiphane.

Em virtude dessa nova visão educacional, tornou-se imperativo submeter o Colégio Cearense Sagrado Coração a remodelações de cunho disciplinar, instrucional e sanitário, a fim de tornar-se paradigma de estabelecimento de instituição educação para a vida.

Deste então, os Irmãos Maristas têm disseminado, na Terra do Sol, a filosofia educacional de Pe. Champagnat, mediante a qual já se forjaram muitos seres humanos e, principalmente, humanizados.

Em 04 de janeiro de 1916, o Colégio Cearense Sagrado Coração recebeu valiosos reforços: os Irmãos Louis-Joachim, Sébastien-Camille e Paul-Maurice colocaram à disposição de nossos alunos todo seu amor e dedicação à causa marista.

A excelência do ensino dos Irmãos Maristas foi, de pronto, reconhecida pela comunidade cearense; isso provocou uma grande influência de alunos, embora o corpo discente fosse bem registro. Houve dificuldades; o envolvimento absoluto de todos, porém, tornou possível suplanta-las.

O numeroso corpo discente levou à constatação da insuficiência de espaço físico para abrigar tantos alunos. Urgia a ampliação das instalações do colégio; desse modo, o Conselho Geral da Congregação autorizou a compra de um terreno e a construção de um novo prédio. O terreno de 7.600 metros quadrados, localizado na Avenida Duque de Caxias, atendia as condições essenciais do estabelecimento de ensino do porte do Colégio Cearense; deu-se, portanto o início aos trabalhos de construção. O arquiteto foi o Irmão Provincial. A rapidez e a parcimônia foram às marcas dessa empresa, cuja duração foi de sete meses.

O desenvolvimento do internato deu-se em progressão geométrica, ainda que as instalações não o permitissem. A solução encontrada foi a aquisição encontrada de imóveis vizinhos ao colégio.

Nesse período, o povo cearense teve a chance de dividir com os Irmãos Maristas o júbilo de comemorar o centenário da Congregação. Esse acontecimento foi bastante celebrado. Contou, primeiramente, com uma celebração eucarística na igreja dos Capuchinhos; em seguida, houve a bênção do colégio de acordo com as prescrições litúrgicas e depois um almoço; houve ainda uma parada militar, que percorreu as principais ruas e avenidas de Fortaleza, dela participou a maioria dos alunos. À noite, assistiu-se à apresentação de coral e de peças teatrais.

Em 1920, o Irmão Epiphane, após um longo período de árduo trabalho em prol da educação marista, foi substituído pelo Irmão Paul Marcellin, cujo espírito firme, alinhado à lhanza e à afabilidade de sua personalidade, revelou o seu talento para a administração escolar e para o convívio com as famílias e, sobretudo, com os alunos.

Nesse contexto de educação humanizadora voltada para a juventude, o surgimento de uma agremiação que amalgamasse os anseios, a alegria de viver, o espírito empreendedor dos alunos foi natural. O Grêmio Literário de José de Alencar foi formado pelos discentes com o intuito de despertar o amor à literatura e aos sentimentos patrióticos; houve, pois, a necessidade de criar um veículo de comunicação que difundisse as idéias desses alunos, surgiu, então, a revista Verdes Mares.

Um fato digno de registro foi os alunos maristas haverem recebido instrução militar prevista e regulamentada por lei federal. Assim, os alunos tenham acesso a uma

preparação à vida de caserna e, conseqüentemente, eram dispensados no serviço militar obrigatório, pois, ao concluir seus estudos, fariam parte do quadro de reservistas.

Outra implicação do excessivo número de alunos foi a exigüidade do espaço físico da capela. Isso conduziu a necessidade de ampliá-la; esse projeto ficou a cargo do irmão Conon, arquiteto da Província. As obras foram céleres e, em 15 de agosto de 1926, ocorreu a bênção do novo templo. A Figura 1 mostra a comunidade do Colégio Cearense no período de 1924 a 1925 (FILGUEIRAS,1998).



Figura 1 - Comunidade do Colégio Marista de 1924 a 1925.

A cada ano, o contingente de alunos aumentava e, à proporção que as reservas financeiras permitiam, as instalações eram ampliadas e melhoradas. Dessa forma, testemunhou-se a ampliação das salas de aula e a adequação das instalações sanitárias à nova realidade do colégio.

O Colégio Cearense, desde o início, subordinou-se à legislação educacional vigente. Seus alunos, ao fim de cada ano letivo, eram submetidos aos “exames de Estado”, tinham de fazer provas – conhecidas como “preparatórios e parcelados” – perante bancas examinadoras oficiais, indicadas pelo poder público.

Em 1925, a escola adaptou-se ao “seriado”, seguindo instruções do Departamento Nacional de Educação, órgão do Ministério do Interior.

Em 1930 foi concedido à escola o regime de Inspeção Condicional e, em 1932, o de inspeção preliminar.

Em 08 de novembro de 1937, concedeu-se ao Colégio Cearense, pelo Decreto Federal nº 2.114, o regime de Inspeção Permanente para o curso secundário – 1º ciclo – hoje, o ensino fundamental. A Figura 2 mostra o Colégio Cearense na década de 40.



Figura 2 - Colégio Cearense na década 40.

Em 02 de março de 1943, foi autorizado pelo Decreto Federal nº. 11.751 o seu funcionamento como colégio, com os cursos científico e clássico – 2º ciclo – atualmente, o ensino médio.

Até a metade da década de 60 existiam cerca de 22 irmãos morando no colégio, muitos sendo professores, fato este que aconteceu até o início dos anos 80. O Irmão Valentin possuía doutorado em matemática e dava aulas no científico que depois passou a se chamar ensino médio. Quando o colégio fechou só tinha um irmão e morava fora da instituição.

Em 1974, pelo Parecer nº 18/74, do Conselho de Educação do Ceará, foi aprovado o Regimento do Colégio Cearense Sagrado Coração. No mesmo ano, esse conselho autorizou pelo Parecer nº. 499/74, os cursos profissionais de Eletricidade e de Eletrônica, para a formação de auxiliar técnico de eletricidade, desenhista de instalações elétricas, auxiliar técnico de eletrônica e desenhista de circuitos eletrônicos.

O colégio possuía um curso noturno gratuito para os pobres dirigido por Irmão Urbano. Que funcionou até a década de 80. Também nas salas da manhã existiam alunos da classe mais baixa, misturados com alunos de classe média alta.

No ano de 1978 os 1062 alunos prestaram vestibular com aprovação de cerca de 70% nas universidades públicas como UFC (Universidade Federal do Ceará) e UECE (Universidade Estadual do Ceará), e foi obtida a maior aprovação no ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica). Do primeiro até o décimo segundo colocado no vestibular geral da UFC todos eram do colégio, dos cem primeiros cerca de 70 pertenciam ao colégio. Na turma de Engenharia mecânica dos 50 alunos, 25 eram do Colégio Cearense.

Hoje na Assembléia Legislativa do Ceará conseguimos localizar cinco deputados ex-alunos do colégio e na Câmara Federal três deputados bem como o governador do Estado do Ceará.

Todos os anos alguns ex-alunos fazem festa de confraternização e visitam o colégio. Para este ano de 2008 está sendo programada a festa de 30 anos de saída da turma de 1978.

3. FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DO CEARÁ -FCFC

Em março de 1947, instalou-se no prédio-sede do Colégio Cearense a Faculdade Católica de Filosofia do Ceará e ali permaneceu até 1966, duas décadas. A FCFC chegou a ministrar doze cursos distintos, simultaneamente: Línguas Clássicas, Línguas Neolatinas, Línguas Anglo-germânicas, Filosofia, Matemática, Física, História, Geografia, Pedagogia, Didática, Comunicação, Orientação Educacional.

Sonhando com a instalação da Pontifícia Universidade Católica no Ceará, os Irmãos Maristas, criadores e mantenedores da FCFC, em 1950, lançaram a pedra fundamental daquele que seria o prédio-sede da PUC, construído de três blocos de seis andares, afora o térreo; desses três chegaram a construir somente o primeiro bloco, que é conhecido como “o prédio novo do Cearense”. A Figura 3 mostra o Colégio Cearense na década de 60. Com o fechamento da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, todos os cursos foram ser o embrião que deram início a Universidade Estadual do Ceará (UECE).



Figura 3 - Colégio Cearense da década de 60.

No ano de 2003 os irmãos trazem de volta Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, com o nome de Faculdade Marista, com quatro cursos de graduação, que existem até hoje, com o nome da faculdade mudando para Faculdade Católica do Ceará. Os cursos são Design e Moda, Educação Física, Marketing, Publicidade e Propaganda. A Figura 4 mostra o colégio nos dias de hoje.



Figura 4 - Colégio Cearense atualmente.

4. AS MULHERES NO COLÉGIO (VIOLETAS)

As mulheres chegaram ao Colégio Cearense em **1947**, com a Faculdade Católica de Filosofia do Ceará. Primeiro vieram as academias da faculdade; depois, as garotas do curso fundamental; em seguida, as jovens da Escola São José, uma escola que funcionava à noite, fundada e orientada pelo Irmão Urbano Gonzalez e destinada a atender jovens carentes: empregadas domésticas, balconistas, vendedoras ambulantes etc.

Finalmente, nos anos 70, as mulheres incorporaram-se definitivamente ao corpo discente da escola, chegando a ser maioria. Em 1978 uma mulher chegou a tirar o primeiro lugar no vestibular da Universidade Federal do Ceará no curso de Medicina.

5. A CRISE DA IGREJA CATÓLICA

O balanço numérico da crise de identidade não deixa dúvidas quanto ao estrago provocado desde então por aquilo que alguns classificam como perda de “referenciais”. Desde o pontificado de João XXII, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II (convocado por ele), mais de 100mil padres deixaram o sacerdócio e cerca de 250 mil freiras deixaram suas congregações religiosas, rompendo os votos professados e abandonaram a Igreja Católica, tendo como consequência o fechamento de um número incontável de seminários, mosteiros, conventos, colégios, hospitais, creches e instituições educacionais e assistências da Igreja Católica fecharam suas portas ou agonizam em vários países do mundo. (MENEZES,2007)

Os números não mentem: claramente algo não deu certo na tentativa de “aggiornamento” da Igreja, confundindo seus adeptos, principalmente na Europa e Américas. Na Ásia, África e Oceania, temos casos de países que houve aumento de vocações como nas Filipinas, Coreia do Sul, Japão, Nigéria, Índia, China e Austrália.

O número de alunos das escolas católicas brasileiras caiu 43,9% nos últimos anos, segundo o levantamento mais recente da área. A queda significa quase 400 mil estudantes a menos no período de 1996 a 2004. A crise levou ainda ao fechamento de oito escolas católicas por ano no País nesse período, continuando a crise até hoje. A

pesquisa foi concluída neste ano pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris) a pedido da Associação Nacional de Mantenedoras das Escolas Católicas no Brasil (Anamec)(CAMPEÃO,2005).

Atualmente, há no País cerca de 1.320 escolas católicas; em 1996, eram 1.412. Os estabelecimentos são antigos e quase não surgem outros com o passar dos anos, principalmente por causa da queda no número de religiosos e das mudanças de prioridades das congregações. Segundo a pesquisa, apenas seis Estados tiveram aumento no número de escolas. Roraima, por exemplo, não tem mais nenhuma escola católica.

5.1.UM FUTURO SEM FREIRAS?

Existe um relatório atualizado e minucioso sobre as religiosas de Québec, a província-Estado do Canadá que fala francês. Um caso típico, o *québécois*; trata-se, com efeito, da única região da América do Norte que, desde os inícios, foi colonizada e evangelizada por católicos, que ali erigiram um regime de *chrétienté* administrado por uma Igreja onipresente. Com efeito, ainda há vinte anos, no início dos anos 60, o Quebec era a região do mundo com o mais elevado número de religiosas em relação aos habitantes, que eram ao todo 6 milhões. Entre 1961 e 1981, entre saídas, mortes e falta de recrutamento, as religiosas reduziram-se de 46933 a 26294. Uma queda, portanto, de 44% e que parece irrefreável. As novas vocações, no mesmo período, diminuíram cerca de 98,5%. Além do mais, resulta que boa parte de 1,5%, que resta é constituída, não de jovens, mas de “vocações tardias”. Tanto que, com um simples cálculo, todos os sociólogos concordam com uma conclusão crua, mas objetiva: ‘Dentro em breve, a menos que mude totalmente a tendência, o que é totalmente improvável, pelo menos nos cálculos humanos, a vida religiosa feminina, assim como conhecemos, no Canadá será somente uma recordação’. (RATZINGER, 1984)

Os mesmos sociólogos que prepararam o relatório recordam que, nestes vinte anos, as comunidades passaram por todo tipo de reformas imagináveis: abandono do hábito religioso, salário individual, doutorados nas universidades leigas, inserção nas profissões seculares, assistência maciça de todo tipo de “peritos”. E, no entanto, as irmãs continuaram a sair, as novas não chegaram e as que permanecem, idade média de 60 anos, frequentemente dão a impressão não terem resolvido seus problemas de identidade e, em alguns casos, declaram resignadamente, que aguardam a extinção das suas congregações. (RATZINGER, 1984)

A Faculdade Mauricio de Nassau, de Pernambuco, arrendou o prédio do colégio das irmãs Dorotéias por 10 anos e se instalará em Fortaleza a partir de julho de 2008. (NETO, 2008)

5.2.A CRISE ATINGE O COLÉGIO CEARENSE

Na década de 70, o Colégio Cearense do Sagrado Coração ficou pequeno para comportar tantos alunos, eram cerca de 5200 alunos homens no ano de 1974 divididos em três turnos. As primeiras quatro mulheres entraram no colegio no ano de 1975.

Na década de 80, o Colégio Cearense mudou o nome para Colégio Marista,mas continuou pequeno para comportar tantos alunos, eram 4.500, divididos em três turnos, porem já houve uma diminuição com relação aos nos 70.Diante de apenas 549 matriculados e 150 funcionários (94 professores e 66 administrativos), o mesmo irmão

que dirigiu a instituição nos tempos áureos, Ailton Arruda, transmitiu o anúncio da União Norte Brasileira de Educação (Umbec): o colégio fecharia suas portas no dia 31 de dezembro de 2007.

No corredor que leva à sala da diretoria, há fotos de turmas de alunos de diversos anos, como as de 24, 42 e 60. A foto da turma de 2007 foi a última. O até então boato já circulava entre alunos, pais, professores e funcionários há alguns anos. A redução do número de educandos matriculados e o fechamento de outras escolas católicas, em Fortaleza, já sinalizavam o possível fechamento do Colégio Marista (MOURA,2007).

Quando o colégio fechou só existia um irmão trabalhando no colégio, que era irmão Ailton, e todos os professores eram leigos, bem como os funcionários. Como não tinha irmãos o colégio teve de contratar pessoa para dar aula de religião e preparar os alunos para primeira eucaristia e crisma pois era uma escola confessinal, aumentando os custos do colégio, enquanto que em anos anteriores os próprios irmãos davam as aulas de religião.

O advogado e coordenador pedagógico Fernando Bastos estudou 13 dos seus 44 anos no Marista Cearense, de 1970 a 1982. No colégio, foi aluno, orador, membro do grêmio e auxiliar de coordenação. Para ele, o fim do Marista foi a maior tristeza que teve no ano de 2007 quando soube do fechamento do colégio. "Ali era a nossa segunda casa e foi onde fiz meus melhores amigos. A educação do Ceará está de luto. Saiu de lá chorando na tarde que soube da notícia", comenta.

Bastos diz que na época em que estudava no Marista, as carteiras ainda eram usadas por dois alunos. No início de cada manhã, às 6 horas, havia a missa na capela do colégio, antes do início das aulas. "Nas décadas de 70 e 80, o Cearense tinha 5,2 mil alunos e era o melhor colégio de Fortaleza. Havia um amor muito grande dos alunos pelo colégio. Isso se deve ao trabalho do irmão Valentim, diretor à época. Ele foi um grande mestre na minha vida. Hoje possuo uma foto dele no meu escritório" (MOURA, 2007).

6. CAUSAS DO FECHAMENTO DO COLEGIO CEARENSE

A decadência da educação católica teve início e cresceu juntamente com a degradação da família contemporânea. Todavia a escola supria as falhas da educação familiar. Nas eras pré-históricas de uns quinze anos atrás ainda se conheciam as escolas católicas. Dirigiam-nas religiosos e religiosas dotados de sólidos conhecimentos, sérios na vocação religiosa e intelectualmente honestos. Os tradicionais colégios católicos primavam pela ordem, pela disciplina, pelo respeito. Os velhos prédios, em atmosfera de agradável acolhimento, com a grande igreja sobressaindo ao corpo do edifício, nos quais as figuras austeras dos mestres, a tranquilidade dos alunos, os pátios espaçosos e arborizados que os rodeavam, o silêncio nos tempos adequados e o vozerio das crianças e dos jovens nas recreações manifestavam sadio contentamento, respeito e religiosidade. Aprendiam-se os princípios da ciência humana, as normas da moral cristã, a doutrina sagrada, rezava-se, e o bom senso que residia na cabeça dos mestres transferia-se para todo o ambiente e para o coração dos alunos. Daqueles colégios saíam homens e mulheres preparados para a profissão, equilibrados para a vida, firmes na fé. Até a década de 70; filhos de pais separados não podiam estudar nas escolas católicas.

Quem é que tenha passado pelos velhos colégios católicos de padres e freiras e não conserve ainda no coração as mais ternas recordações dos colegas, dos pátios, das árvores, das salas de aula, da igreja e até das enfiadas e típicas festas do Padre

Diretor, do dia do Santo fundador da Ordem, ou do fim do ano? Quem é que nos momentos dolorosos da vida não se lembra da figura bondosa e acolhedora do padre ou da freira, e quantos não vão neles buscar agora, como nos tempos da infância, o conselho sábio e o bálsamo cicatrizante da chaga? O ex-aluno sente-se em casa e a antiga imagem do mestre moço está ainda amavelmente conservada atrás da do velho que agora o recebe com o mesmo olhar de bondade.

Aqueles mestres deixavam marcas profundas nas inteligências, nos corações, nas vontades, em toda a vida dos discípulos, e dificilmente estes conseguiam distinguir a ternura e piedade dedicada aos pais dos sentimentos que ligavam a eles. É que eles sabiam tão bem compreender o sentido de paternidade que deve envolver o magistério!

Vistos os fatos “pré-históricos”, mergulhemos no presente e penetremos nos colégios que pretendem dar aos alunos o que chama de promoção humana e que, por um desses infelizes esquecimentos, os dirigentes conservam-lhes nos títulos o apelido de católicos unido aos sagrados nomes dos Santos fundadores das Ordens.

Ambiente de barulho e agitação. Multidões de alunos dos mais diversos sexos, com as mais extravagantes roupagens, ou quase sem elas, casaizinhos de adolescentes em colóquios lascivos, sentados pelos chãos, em cima das carteiras, tudo diferente do que devia ser e tudo fora do lugar onde devia estar. Professores, leigos, professoras um tanto vestidas, religiosos e religiosas jovens, mas desembaraçadas nos gestos e mais notáveis nas vestes que os leigos, juventude, juventude, juventude, intimidades, intimidades, sorrisos de tranqüila realização humana. O único colégio no Brasil que não é misto é o Colégio São Bento no Rio de Janeiro dirigido pelos Beneditinos, e está sempre entre os quatro melhores do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e em 2007 tirou o primeiro lugar no ENEM, o colégio continua mantendo a mesma disciplina de tempos atrás.

Aulas de religião? Já era. Oração na igreja, missa dominical? Ferem a liberdade dos alunos que só devem fazer aquilo para o que estão afim. Distância reverente entre mestres e alunos? Criava nestes aversão àqueles. Enfim, o clima da espontaneidade proficuo para o desabrochar da rica, boa, exuberante e adorável natureza humana.

Em tempos longínquos havia nos colégios católicos, o retiro espiritual com o silêncio, as orações, as conferências, para afervorar a vida religiosa dos alunos.

Outra causa seria uma mudança no modelo de Estado, com o Brasil se acomodando dentro da ótica neoliberal, e se adaptando as transformações do exigidas pelo capitalismo mundial, uma reestruturação da Igreja Católica com o concílio do Vaticano II.

7. CONCLUSÕES

Portanto os motivos que levaram escolas como o Colégio Cearense com anos de tradição na sociedade brasileira e do Ceará a fechar suas portas de maneira tão drástica, são os seguintes.

-Desagregação da família, que trouxe como conseqüência a falta de vocações para a Igreja Católica.

-O Brasil que está se tornando cada vez mais neoliberal, mesmo tendo políticos de esquerda no poder (comunistas) que também são contra a educação católica.

- O declino do Estado do Bem estar Social no fim da década de 70, que tem como primeira primicia a família tradicional, gerou automaticamente a falta de vocações e

posterior fechamento das escolas católicas como o Colégio Careense do Sagrado Coração em alguns países da América Latina.

- As mudanças na Igreja Católica com o concílio do Vaticano II.

- Depois que a escola se tornou mista foi mais difícil manter a disciplina e diminuiu o rendimento dos alunos homens.

8. BIBLIOGRAFIA

AZZI, R.. **História da educação católica no Brasil: contribuição dos irmãos maristas**. Vol. 3 – a expansão da obra de Champagnat no Brasil (1947-1972), São Paulo: Simar, 1999. 292-300 p.

CAMPEÃO, Mara Regina de Ávila. **Crise e fechamento das escolas confessionais no vale do rio Caí (1970-1996)**. Tese de mestrado - Unisinos, Rio Grande do Sul, 2005.

FILGUEIRAS, João. **Histórico do Colégio Cearense (Textos)**,1998.

FURET, Jean Baptist. **Vida de São Marcelino José Bento Chapagnat**. São Paulo: Loyola.1999.

MOURA, Laércio Dias . **A Educação Católica no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MOURA, Ricardo. **Colégio Marista Cearense fecha as portas no centro**. Jornal O Povo, 22/09/2007

MENEZES, Valdemar. **Questionamento aos Católicos**. Jornal O Povo, 30/12/2007.

NETO, Alan. **Vale tudo**, Jornal O Povo, 3/02/2008.

PASSOS, Emilia; MARINO, Francisco. **Colégio Marista Cearense: Atravesse o tempo**. Fortaleza: FTD 2003.

RATZINGER, Joseph; MESSORI Victor. **A Fé em Crise? O Cardeal Ratzinger se interroga**. São Paulo; EPU, 1985.